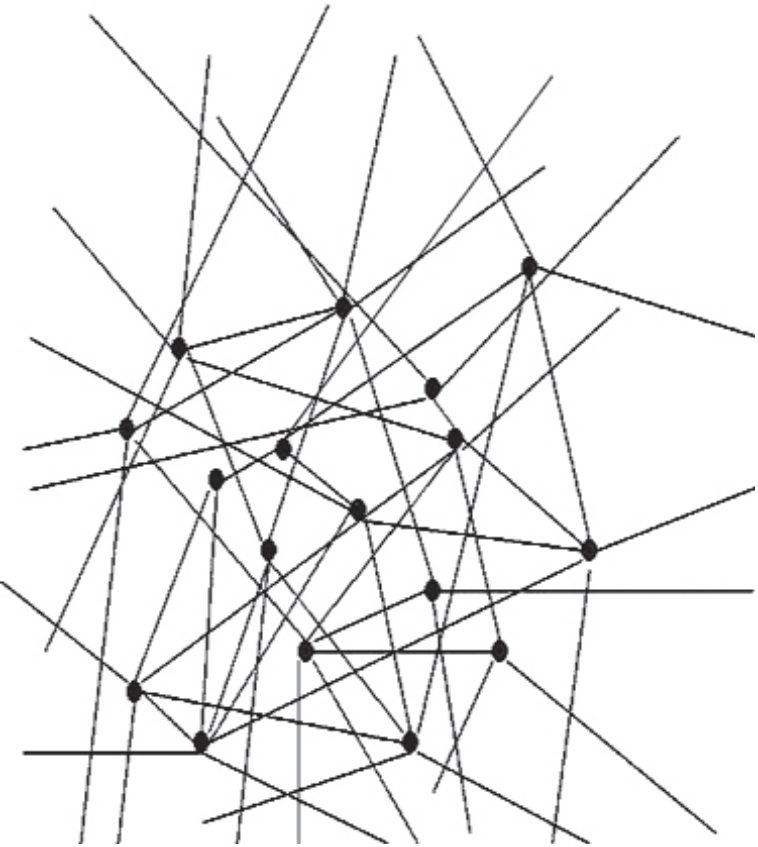
TransFormações em Psicologia

Volume 1 – Número 1 – 2008
ISSN 1984-2139



TransFormações em Psicologia / Instituto de Psicologia,
Universidade de São Paulo. – Vol. 1, n. 1 (2008). São Paulo,
USP-IP, 1991-

Semestral

ISSN 1984-2139

1. Psicologia. I.Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia.

TransFormações em Psicologia

Volume 1 – Número 1 – 2008

Editores

Carina Ferreira Guedes

Daniel Camparo Avila

Comissão Executiva

Isabella Bertelli Cabral dos Santos

Luiz Eduardo de V. Moreira

Suely de Barros Brandão

Conselho Editorial

Abenon Menegassi

Carlos Cesar Barros

Danilo Silva Guimarães

Giovana Del Prette

Fernanda de Sousa e Castro Noya Pinto

Joari Aparecido Soares de Carvalho

Letícia Calmon Drummond Amorim

Luci Mara Marin Frasson

Marco Antonio Correa Varella

Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

Renato Cury Tardivo

Publicação organizada pelos estudantes do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Universidade de São Paulo

Reitora: Suely Vilela

Vice-Reitor: Franco Lajolo

Instituto de Psicologia

Diretora: Emma Otta

Vice-Diretor: Yves Joel Jean Marie Rodolphe de La Taille

TransFormações em Psicologia

Volume 1 – Número 1 – 2008

Revista editada pelo Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Editorial 6

Artigos Originais

Carolina Cardoso Tiussi & Maria Crsistina Machado Kupfer

NO AVESSO DO DIVÃ: DO NÃO OLHAR AO OLHAR NA CLÍNICA DO AUTISMO 8

Thaísa Angélica Déo da Silva & Cassiano Ricardo Rumin

O TRABALHO EM UMA EXEPRIÊNCIA AUTOGESTIONÁRIA: APONTAMENTOS SOBRE UMA INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA 25

Wilson de Albuquerque Cavalcanti Carvalho

ESTUDO DA CONSTRUÇÃO ENQUANTO ATO DISCURSIVO NO CONTEXTO DA CLÍNICA PSICANALÍTICA 43

Isabel Tatit

O ARTESANATO QUILOMBOLA É ARTE AFRO-BRASILEIRA? – UMA PESQUISA NO QUILOMBO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA EM PARATY 58

Maria Antonieta Pezo
QUE CLÍNICA É POSSÍVEL DENTRO DE UMA CLÍNICA-ESCOLA?. 76

Diogo De Oliveira Boccardi
ENTRE O FATALISMO E A ESPERANÇA: O FAZER DO PSICÓLOGO ESCOLAR À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL 87

Resenha de Livro

Isabella Bertelli Cabral Dos Santos
MATT RIDLEY - O QUE NOS FAZ HUMANOS: GENES, NATUREZA E EXPERIÊNCIA 97

Tradução

Daniel Camparo Avila & Paulo Albertini
WILHELM REICH - A ATITUDE DOS PAIS SOBRE A MASTURBAÇÃO INFANTIL 102

Depoimento

Dora Fix Ventura
PESQUISA E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA – UM OLHAR DE ALUNA DA PRIMEIRA TURMA DE PSICOLOGIA DA USP . . 112

A Atitude dos pais a respeito da masturbação infantil[1]

Daniel Camparo Avila[2] & Paulo Albertini[3]

Nota Introdutória

Em 1927, Wilhelm Reich, então com 30 anos, residindo em Viena e vinculado ao movimento psicanalítico, publicou na *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik* (Revista de Pedagogia Psicanalítica) o artigo "Eltern als Erzieher – Teil II: Die Stellung der Eltern zur Kindlichen Onanie" ("Os pais como educadores – Parte II: a atitude dos pais a respeito da masturbação infantil")[4]. Esse trabalho dava continuidade ao "Eltern als Erzieher – Teil I: Der Erziehungszwang und seine Ursachen" ("Os pais como educadores – Parte I: a compulsão por educar e suas causas"), publicado pela mesma revista no ano anterior, 1926.

No ano de 1994, os dois artigos foram traduzidos para o inglês e publicados na revista *Orgonomic Functionalism: A Journal Devoted To The Work Of Wilhelm Reich*. A tradução aqui apresentada baseia-se no texto editado em língua inglesa. Como, até onde sabemos, o trabalho de 1927 ainda não está disponível em português, esperamos que a sua publicação nesta revista contribua para a pesquisa e o ensino do pensamento desse autor pouco estudado nos cursos de formação em Psicologia.

Em termos de trajetória teórica, no período em tela — 1926/1927 — Reich, a nosso ver, está num momento de transição do enfoque freudiano para a construção de sua própria abordagem. Seus escritos desse tempo são um amálgama de teses do mestre psicanalista e de suas próprias formulações emergentes. As primeiras apontam para dificuldades provenientes de conflitos internos inevitáveis, as outras, para problemas decor-

1 Reich, W. (1994). The parental attitude toward infantile masturbation. Orgonomic Functionalism: a journal devoted to the work of Wilhelm Reich.5, 58-66 (original publicado em 1927).

2 Estudante do Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela Universidade de São Paulo - *daniel.avila@usp.br*

3 Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - *palbertini@usp.br*

4 As indicações bibliográficas completas citadas na Nota Introdutória podem ser consultadas em Matthiesen, S. (2007). *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. São Paulo: FAPESP/Annablume.

rentes de ações educacionais inadequadas. A perspectiva que se esboça é a de aposta na possibilidade de psicoprofilaxia por meio da educação. O termo *educação*, nesse domínio, deve ser entendido em um sentido amplo, algo mais próximo de *criação*.

Cabe observar que, antes de Reich, Freud já empregava o termo educação com o sentido de criação, algo que não apontava apenas para o campo da educação formal, escolar, mas, sobretudo, incluía as práticas formativas presentes na esfera da instituição familiar. Além disso, em seus escritos iniciais, basicamente em "Introdução a *The Psycho-analytic Method*, de Pfister" (1913) e "O interesse científico da psicanálise" (1913), Freud acena com a possibilidade de que uma educação psicanaliticamente orientada pudesse contribuir para a prevenção da neurose. Pode-se dizer que Reich deu continuidade a essa orientação preliminar freudiana e, ao longo de sua obra, investiu de forma maciça no caminho da prevenção por meio das ações educacionais, sobretudo no âmbito da educação sexual de crianças e adolescentes. O artigo aqui traduzido constitui um exemplo dessa forma de atuação reichiana no domínio da educação sexual de crianças.

Por fim, vale mencionar nesta breve nota que, no trabalho em foco, a defesa reichiana da masturbação infantil como algo natural caminha em sentido contrário a uma orientação médica de cunho higienista, marcadamente presente na época, cuja tendência era a leitura da atividade masturbatória sob a chave da patologia.

A atitude dos pais a respeito da masturbação infantil[5]

Wilhelm Reich

Em nossa discussão a respeito da compulsão dos pais por educar e seus motivos inconscientes, também mencionamos, dentre outras coisas, o fato de as expressões dos impulsos da criança freqüentemente representarem uma ameaça à manutenção dos recalques sexuais dos adultos. Os

5 Autorização para publicação da tradução concedida por Mary Boyd Higgins, diretora do *Wilhelm Reich Infant Trust Fund*, em 15/10/08.

pais, então, protegem-se, seja ignorando completamente o que conduziu a criança a tal manifestação, seja condenando-a pela "má conduta anormal". Entre essas expressões precoces, a masturbação ocupa um lugar particularmente importante. Enquanto outras manifestações são vistas como más condutas naturais, a masturbação infantil, ou mesmo na puberdade, é considerada um "abuso patológico" que deve ser prevenida a qualquer custo.

Como foi possível que essa atitude fosse tomada e tanta literatura lasciva fosse escrita sobre o assunto? Por que todas as explicações de que a masturbação em certa idade é um fenômeno natural não surtiram efeito? Mesmo notáveis autoridades no campo da higiene e da sexologia compartilham as mesmas opiniões equivocadas. Com exceção das considerações morais sem fundamentação apresentadas como suporte, todos os supostos danos decorrentes da masturbação podem ser remetidos a outras fontes. Toda vez que encontramos noções rígidas, inalteráveis e grotescas, certamente vislumbramos também as razões inconscientes que lhes deram origem. Deve-se creditar a Freud o fato de terem sido esclarecidas não só a natureza da masturbação, mas também as razões para sua avaliação como um abuso patológico.

Esse contexto marcado pela leitura da masturbação como um fenômeno essencialmente vinculado ao campo da patologia não traz à tona a sua verdadeira natureza. Mas um breve exame de descobertas relevantes da pesquisa psicanalítica[6] irá facilitar a compreensão do quão inadequados são os métodos usualmente empregados pelos pais para lidar com isso.

A masturbação é uma reação à excitação física dos genitais. Sua causa imediata é uma sensação de tensão ou comichão. Essa sensação é removida coçando-se ou esfregando-se os genitais, o que produz prazer. Uma vez que isso tenha sido experimentado, a masturbação passa a ser praticada por motivos prazerosos. Podemos diferenciar três períodos da masturbação: 1) *Masturbação infantil* — esta é freqüentemente observa-

6 Cf. Masturbação. Discussão da Sociedade Psicanalítica de Viena, 1910.
[Nota dos tradutores: entre 22 de novembro de 1911 e 24 de abril de 1912, realizaram-se nove encontros na Sociedade Psicanalítica de Viena sobre o tema. Em 1912, mobilizado por essa série de debates, Freud publicou um artigo: Freud, S. (1969). Contribuições a um debate sobre a masturbação. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 303-319). Rio de Janeiro: Imago. A nosso ver, a nota de Reich, apesar da diferença de ano, refere-se às atas nas quais foram registrados esses encontros.]

da como uma fricção involuntária dos genitais e deve-se, provavelmente, a uma estimulação externa coincidente (limpeza etc.); 2) *Masturbação durante a fase edípica (aproximadamente dos quatro aos seis anos)* — nesse período, uma base física para a estimulação genital ainda não foi confirmada, embora a regularidade com que a masturbação floresce nos permita suspeitar de processos somáticos de estimulação; 3) *Masturbação na puberdade* — aqui a base fisiológica reside nos rápidos impulsos da maturação genital.

A opinião geral de que apenas crianças que tenham sido seduzidas praticam a masturbação é inteiramente insustentável, dado que essa experiência é uma manifestação do desenvolvimento interno e de processos de estimulação. As conhecidas práticas de "brincar de médico", de manipulação mútua e exame dos genitais são o resultado e não a causa da estimulação, ainda que elas produzam uma intensificação secundária. Ocasionalmente, a comichão que acompanha erupções cutâneas ou a presença de vermes ocupam o lugar de verdadeira causa da instigação, mas a noção de que esses fenômenos coincidentes são a causa da masturbação também é insustentável. É muito mais provável que a coceira dos genitais originalmente produza a irritação e esta, por sua vez, intensifique o impulso de masturbar-se.

Durante a fase edípica, a criança encara a sensação de comichão inocentemente e livra-se dela coçando-se ou esfregando-se, contanto que as proibições, ameaças e fantasias dos pais não compliquem as coisas. A masturbação na infância é um sinal de que se chegou à fase genital do desenvolvimento libidinal, que faz parte do desenvolvimento psíquico normal. Assim, não é a masturbação em si que é patológica, como se costuma afirmar, mas a sua ausência.

Contudo, a excitação sexual física é apenas um dos aspectos do processo de masturbação. O movimento em direção à satisfação física da excitação é também acompanhado pelo impulso de atração ao objeto amado, freqüentemente alguém do sexo oposto. Algumas crianças tornam-se bastante agressivas durante esse estágio e demandam freneticamente serem abraçadas, beijadas ou levadas para a cama. Mesmo ataques sexuais mais ou menos disfarçados não são incomuns. Somente agora começa um grave conflito: a criança logo aprende que os genitais são um assunto que não é discutido. Se, além disso, a masturbação for proibi-

da, os genitais, junto com todo o desejo produzido por sua estimulação, tornam-se "tabu" e mesmo o contato manual é interditado. Aqui é plantada a semente para a rejeição e a repressão sexuais posteriores. Os pais estabelecem um tabu genital, mas, em sua falta de conhecimento, negligenciam o fato de que certas necessidades cotidianas, como a brincadeira das crianças ou mesmo seus desejos sexuais, intensificam o desejo genital quanto mais são reprimidos.

Não nos esqueçamos de que os pais adoram brincar com seus filhos na cama logo de manhã ou, à noite, brincar de "cavalinho" ou levá-los "nos ombros". Essas práticas têm um efeito de estimulação direta nos genitais, assim como acontece durante a necessária limpeza diária desses órgãos.

Sem percebê-lo, os pais freqüentemente intensificam a estimulação genital por meio de ameaças, sérias ou jocosas. A tendência da criança ao medo é enorme, especialmente durante a fase edípica crítica. Sabe-se que a excitação causada pelo medo é facilmente transferida aos genitais, onde produz uma sensação chamada de "Angst-Lust"[7], uma sensação prazerosa que é experimentada com ansiedade e que é equivalente à excitação que ocorre na masturbação. Permitam-nos chamar a atenção para a súbita incontinência urinária resultante da ansiedade produzida pelo pavor nas crianças. O fato de que muitas crianças adoram escutar histórias de terror prova que essas experiências são prazerosas; elas desejam sentir medo por causa das sensações genitais que o acompanham. Não será preciso esforçar-nos para provar que dar um susto numa criança ou ameaçá-la com o "bicho papão" e outras histórias de terror são práticas comuns.

Além disso, existe a prática nociva (decerto necessária entre os pobres) de as crianças dormirem com os pais, se não na mesma cama, no mesmo quarto. Dificilmente há uma criança que tenha escapado dos efeitos de ouvir seus pais tendo relações sexuais. Duas reações típicas podem ser vistas na análise de adultos. A primeira reação da criança é o medo; naturalmente, ela teme o acontecimento estranho e fora do comum, que se dá num quarto escuro. Ela imagina uma luta, há a respiração ofegante, os suspiros e talvez mesmo a resistência da mãe, dando origem ao "conceito sádico do coito". A ansiedade experimentada geralmente desperta uma excitação genital que equivale à excitação sexual espontaneamente

7 [Nota dos tradutores: em alemão na tradução inglesa. Literalmente: prazer de angústia].

produzida. A segunda reação é gradualmente compreender o significado aproximado das cenas noturnas como um processo prazeroso e, com isso, a excitação genital, originalmente induzida pela ansiedade, agora emerge em sua verdadeira natureza. A criança começa a masturbar-se enquanto identifica-se, consciente ou inconscientemente, com um de seus pais. Numerosos casos de ansiedade noturna (pavor nocturnus) e enurese baseiam-se nessa excitação.

Mencionamos apenas alguns dos muitos fatores externos que, devido ao desconhecimento dos pais, têm um efeito intensificador na excitação genital já existente. As crianças certamente se masturbariam mesmo que esses fatores fossem eliminados. Essa prática, entretanto, permaneceria dentro dos limites fisiologicamente determinados e as crianças não sofreriam os efeitos das medidas inconsistentes tomadas contra a masturbação, isto é, os esforços dos pais em eliminar os resultados da excitação que leva à masturbação ao invés de seus fatores causais, que eles intensificam sem saber.

A maior deficiência na educação infantil hoje reside no fato de que ela, por valer-se do medo, gera uma fixação. Tanto o medo quanto a fixação podem intensificar o conflito na masturbação. O medo consegue isso por meio da sua habilidade em despertar sensações genitais, enquanto, simultaneamente, conduz a um confronto contra essas mesmas sensações, o que resulta, necessariamente, em um comprometimento patológico.

A fixação causada pela proibição da masturbação também aumenta a inclinação a masturbar-se, devido a um adicional "apelo ao proibido". Esse mecanismo funciona em muitos masturbadores crônicos; eles se masturbam em excesso particularmente quando algo lhes é negado. Isso é freqüentemente acompanhado de óbvias, e mesmo conscientes, intenções de arruinar-se para magoar os pais.

A proibição da masturbação conduz, mais tarde, a uma mais ou menos extensa má-formação do caráter. Se o medo não logra o êxito em suprimir a masturbação completamente, as crianças escolhem formas ocultas de masturbar-se, que seus pais não vêem nem descobrem. Elas não mais se masturbam na cama, mas no banheiro. Elas não mais o fazem com a mão, mas, por exemplo, apertando as coxas uma contra a outra, pressionando os genitais contra algo, comprimindo o pênis entre dois objetos etc. A dissimulação da masturbação produz timidez, fingimento e

falsidade geral. Que educador não notou crianças que sempre se isolam, nunca olham nos olhos e têm um olhar tímido ou uma expressão facial de aflição? Todo mundo reconhece a "facies masturbatorica" de um adolescente oprimido pela culpa de masturbar-se. Tais crianças, posteriormente, exibem uma paralisia na habilidade de amar e funcionar genitalmente; tornam-se impotentes ou frígidas e realizam poucas conquistas sociais.

Certamente, nem todas as crianças que depois se tornam neuróticas experimentaram uma proibição da masturbação, e muitas que a sofreram, não obstante, desenvolveram-se como indivíduos saudáveis e capazes. A proibição da masturbação é somente uma parte da criação total, e a ocorrência de saúde ou doença mental é sempre sobredeterminada. Todavia, isso não deve nos induzir a subestimar o efeito negativo de proibir a masturbação. É possível observá-lo nas análises de adultos nos quais distúrbios sexuais assumem formas correspondentes à proibição da masturbação, e nos quais a formação patológica de toda a personalidade é proporcional ao rigor ascético e às inconsistências da educação. Assim, devem ser evitadas especialmente as medidas padronizadas contra a masturbação, tais como ameaçar cortar as mãos ou o pênis, advertir a criança de que o pênis irá cair ou de que uma doença fatal ocorrerá, de que um espírito malvado ou o diabo virá buscá-la ou, ainda, espancá-la, amarrar suas mãos, enfaixar os genitais etc. Essas medidas vergonhosas e sem sentido simplesmente aleijam a personalidade da criança no ponto alto de seu desenvolvimento e, além disso, não obtêm êxito. A excitação sexual natural é forçada a encontrar meios patológicos de descarga ou, mais freqüentemente, o período de masturbação não é superado e se torna fixado por numerosas razões, algumas das quais já foram mencionadas.

O que é responsável por tudo isso? Por que os pais não permitem que um processo natural siga seu curso? Aqui, novamente, é a compulsão dos pais que, neste caso, é determinada inconscientemente pela sua própria ansiedade frente à masturbação. O exemplo apresentado a seguir, que de maneira alguma é exceção, ilustrará a origem do medo dos pais com relação à masturbação.

Uma mulher de trinta e dois anos, mãe de uma menina de doze e de um menino de oito, adoeceu de uma histeria com agudas angústias hipocondríacas. Ela era atormentada pelo medo, ou melhor, pela idéia compulsiva de que ela e seu filho poderiam morrer de tuberculose. A

análise revelou a seguinte razão da sua doença. No ano anterior, seu filho aparentou estar doente. O médico consultado não encontrou nada de errado e simplesmente aconselhou que ela o alimentasse bem, de modo que não se desenvolvesse uma tuberculose. No mesmo período, ela tinha visto sua filha masturbar-se em um estado de semi-sonolência. Isso a assustou seriamente, e ela não pôde libertar-se do pensamento de que a filha poderia induzir seu filho a masturbar-se também, e que ele, então, sucumbiria à tuberculose e morreria. Mas por que ela transferiu a ansiedade frente à masturbação para si e seu filho, quando teria sido mais lógico temer por sua filha? Dos quatro aos dezesseis anos, ela mesma havia se masturbado excessivamente (tanto sozinha quanto com outras crianças). Depois, quando se casou e desejos incestuosos surgiram devido a uma vida conjugal infeliz, ela suprimiu o desejo de masturbação por medo dos seus supostos resultados (tuberculose, sífilis) e foi inteiramente bem-sucedida por um tempo. Quando viu sua filha se masturbando, seus desejos recalcados foram reanimados, embora sem se tornarem conscientes. Seus sonhos revelavam não só o desejo de masturbação, mas também a tendência a brincar com o pênis do filho. Ela uma vez sonhou que o menino puxava um carrinho para frente e para trás ("puxar um carrinho" é uma expressão vulgar para masturbação), enquanto ela corria "para frente e para trás" atrás dele, como que para impedi-lo, porque era perigoso. Até entrar em análise, ela havia dormido na mesma cama que ele, deitando-se atrás do menino e colocando a mão sobre os genitais dele. Tudo isso não requer comentários adicionais. Gostaria, apenas, de registrar que ela transferiu todo o amor que uma vez havia dedicado a seu pai para o menino e, como o pai morrera de tuberculose, isso constituiu a razão ulterior do medo de que o filho morresse da mesma doença. Ademais, quando criança, ela havia dormido na mesma cama que seu pai até os doze anos e, certa vez, tendo sido flagrada masturbando-se, foi repreendida. "O menino e eu vamos morrer de tuberculose" tinha o valor emocional do desejo recalcado: "Meu filho (pai) e eu vamos brincar um com o outro (masturbar-se)". Como punição por isso, ela temia uma séria doença e a morte.

As profundas raízes da ansiedade com relação à masturbação, mesmo em adultos esclarecidos, foram observadas em uma mãe racional e equilibrada que, vendo seu filho masturbar-se, gritou quase involuntariamente "Tire suas mãos daí!". Mais tarde, ela simplesmente não pôde

acreditar que havia dito aquilo.

Por que a masturbação é geralmente vista como um abuso condenável? Uma resposta superficial é que os pais, em sua infância, assimilaram essa atitude sem questionamento e a reproduzem com seus próprios filhos. A segunda razão tem pouco a ver com influências externas e é puramente de origem interna. A análise do conflito presente na masturbação, encontrado sem exceção em todos os nossos pacientes, demonstra que, embora cientes da prática da masturbação, eles não estão conscientes das fantasias que propiciam o aparecimento dos sentimentos de culpa e ansiedade. São essas as fantasias nas quais se baseia a avaliação da masturbação acima mencionada. Na tenra infância, a estimulação genital foi unida aos desejos sexuais dirigidos ao progenitor do sexo oposto. Na psicanálise, esses desejos são reunidos sob o título "Complexo de Édipo". Meninos desejam "casar-se" com suas mães e, por essa razão, eliminar seus pais; nas meninas a situação é invertida. Os sentimentos de culpa que depois acompanham a masturbação originam-se do ódio desenvolvido contra o progenitor do mesmo sexo, que, contudo, é também amado. Uma vez que o conteúdo emocional do crime fantasiado (eliminação do pai ou da mãe), assim como os sentimentos de culpa resultantes dessa fantasia, seja transferido tanto para o desejo incestuoso quanto para a atividade masturbatória associada, a última torna-se um ato criminoso. Apenas a culpa vinculada à masturbação permanece consciente após o recalcamento do desejo edípico. Sendo esse desejo recalcado, a culpa é transformada do modo acima descrito, isto é, a masturbação torna-se um vício condenável. Já que ninguém escapa do destino do complexo de Édipo, e que pelo menos o desejo de masturbação é um fenômeno universal, é compreensível que todo mundo sofra da culpa a ela associada e que isso favoreça sua condição de preconceito instituído.

A questão que permanece é saber se, e em que medida, a masturbação é realmente prejudicial e, mais além, se a masturbação poderia tornar-se habitual caso não fosse restringida. Essas questões seriam respondidas conclusivamente somente se numerosos casos de crianças que não fossem influenciadas por seus pais a esse respeito pudessem ser acompanhados. Observações isoladas permitem-nos afirmar que o período de masturbação passa por conta própria. Os sentimentos de culpa do Complexo de Édipo por si só têm poder repressivo suficiente para provocar isso. Ainda

assim, mais dados sobre essa experiência são indiscutivelmente necessários para que se formule uma posição confiável.

De acordo com descobertas clínicas em adultos, a masturbação como prática prolongada não é tão prejudicial fisicamente quanto o é psiquicamente, devido aos exaustivos conflitos. Ela também paralisa a capacidade de buscar objetos sexuais verdadeiros. No que diz respeito aos efeitos físicos prejudiciais, a neurastenia tem sido observada como resultado de masturbação em excesso, embora existam muitos masturbadores habituais que não apresentam queixas. Uma comparação mostra que, no primeiro caso, o curso da excitação física é diretamente afetado pelos sentimentos de culpa e que isso resulta em agudo desconforto físico.

Com tudo isso considerado, pode-se dizer que as desvantagens da educação sexual usual excedem de longe quaisquer possíveis desvantagens da permissividade. Uma vez que não podemos esperar nada pior do que o que está sendo provocado hoje, a permissividade é um experimento que não devemos declinar. A princípio, correções são sempre possíveis.